

A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Director,
JOÃO DE SOUSASecretario da redacção,
FRANCISCO GUIMARÃESAdministrador,
JOSÉ CARVALHO

Assinaturas (Pagamento adiantado)

Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte), um anno. 1.200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º

Officina de impressão: Typ. Soucaaux—Barcellos

Anúncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade

EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Appendice á "Carta aberta"

III

Cada vez se radica mais no meu espirito a certeza absoluta de que não é o sr. padre Lamella o author dos artigos que tem sido publicados no «Deus e Patria», como réplica ás minhas cartas.

Já não é uma affirmativa baseada em um boato, o que agora escrevo: é a certeza definitiva, indestructivel, justamente fundada em factos.

Não fazia tenção de continuar a responder ás insolencias do sr. padre Lamella, se a isso me não impellisse o desejo de lhe mostrar os meus *diplomas*.

Empregado no commercio desde 1896, tenho seguido todos os cursos que a profissão de caixeiro obriga a frequentar e respeitar.

Conheço a submissão, o sacrificio, a abnegação, o trabalho sob todas as fórmulas, a injustiça em toda a nudez da sua bruta realidade, a reprehensão absurda na sua mais clara inflagrancia, a falta de respeito a que todo o homem tem direito, a falta de recursos monetarios em circumstancias precarias, enfim, todas as vicissitudes por que passa um homem que conserva a sua dignidade impolluta, sem a mais pequena mancha.

Se procurasse com cuidado os meus *diplomas* nos trabalhos mais ou menos productivos que tenho realizado, encontraria ahí um grau muito superior a todos os *diplomas* que o sr. padre Lamella possui.

Mostrar-lhe-ia o meu *diploma* de caixeiro, se no nosso paiz fosse lei, ou costume estabelecido, conferir-lo a quem adopta esse modo de vida.

Esse *diploma* seria, porém, immensamente mais honroso, incontestavelmente mais nobre, de muitissimo mais valor de que quantos o sr. padre Lamella adquiriu e imagina adquirir. Não foi em um casarão anti-higienico, quer sob o ponto de vista moral, quer physico, que eu ganhei o meu *diploma*, ou continuei a minha educação litteraria, deficientemente principiada na infancia.

Devo os conhecimentos que tenho a mim mesmo, consegui o meu *diploma* dentro d'um

balcão, obedecendo á vontade imperiosa de um amo, sem ter um desejo meu, sem manifestar a mais insignificante revolta, mas procurando insistentemente fazer-me homem.

Se um individuo se avaliasse pelos seus *diplomas*, que conceito faziamos do merito, da intelligencia, do talento que nasce espontaneamente, formando um segundo espirito?

Se a um homem rico em *diplomas* houvessemos de erigir-lhe uma estalua, com que haviamos de perpetuar a memoria de Camões, de Garret, de Alexandre Herculano e de Castilho?

O *diploma*, no caso presente, tem uma utilidade: serve de pretexto ao sr. padre Lamella para fugir ridiculamente á discussão que levanamente provocou.

Ficam apresentados os meus *diplomas*, e assim satisfeita uma das perguntas do sr. padre Lamella.

Tenho notado que os polemistas d'agora seguram-se todos, á falta de argumentos, á triste defeza classica: «ao seu infeliz e incongruente arrazoado; ... falta de grammatica».

Tem graça, apesar de ás vezes provocar nojo, esta argumentação sem base, esta defeza irrisoria digna do sr. P.º Lamella, ou de um polemista como elle. Hoje, qualquer creança, qualquer carpinteiro da litteratura se julga com auctoridade bastante para corrigir erros de grammatica, elles que, quasi geralmente, nunca a leram e que apenas a conhecem por ouvirem fallar n'ella. Não quero dizer com isto que o sr. P.º Lamella não tenha conhecimentos de grammatica: sómente o incluo no numero d'aquelles que, á falta de argumentos, recorrem ao pedantismo reles de quererem corrigir erros alheios.

Assim, por exemplo, o senhor padre Lamella diz que a preposição *após* não significa precisamente o sentido que eu quiz dar-lhe. Ora a nossa lingua, incomparavelmente rica e com certeza sem semelhança em formosura, talvez tenha elasticidade sufficiente para nos dar razão a ambos, e portanto tinhamos de dissipar um tempo que julgo precioso, visto as minhas occupações profissionais, em uma discussão esteril e completamente nulla.

Comprehenda, porém, que o seu subterfugio, porque o não considero um argumento, não me convenceu, nem me authorisa a rectificar o que escrevi.

Ha ainda no artigo do sr. P.º Lamella uma allusão a um *professor particular*, e a «alguns homens sabios, que os socios do elogio mutuo decretam a immortalidade». Ora n'essas referencias, bastantes vagas, resalta nitidamente o egoismo insensato e estapido de um jesuita e a ignorancia completa do valor da amizade.

Todos estamos ajeitos a ouvir palavras elogiosas, e quasi sempre exageradas, suggeridas pela estima sincera que nos dedica um amigo, ou até um companheiro.

O que o meu presado collega não previu foi que com essas palavras ia altrahir a attenção dos energumenos, dos palermas, que de tudo se apropriam para depreciar o character de um adversario, de tudo se aproveitam para forjar argumentos.

Nos dois ultimos *eloquentes* artigos do sr. P.º Lamella, ha uma contradicção deveras flagrante, tão incoherente, que me causa riso.

Pergunta o sr. P.º Lamella «á face de que sciencia me ha-de provar a divindade de Christo».

A resposta encontra-a, dizendo que essa divindade «está plenamente demonstrada pelos milhões de martyres que se deixaram esquartejar nos eculeos da Roma pagã e devassa; pela existencia vinte vezes secular da Igreja; e pelos factos extraordinarios, anormaes, contrarios a todas as leis conhecidas da natureza» etc.

Ora, com toda a sinceridade o confesso, esta sciencia era para mim desconhecida e o sr. P.º Lamella veio, não só a mim mas, parece-me, a todos os nossos leitores, indicar um novo ramo de sciencia deveras assombroso para os nossos dias.

Que os primitivos christãos se deixavam esquartejar para não renegar a sua fé comprehendese claramente, e não vejo n'isso mais que uma teima obstinada, um amor sincero a essa religião.

Essa divindade, porém, não é só exclusivo do Christuismo pois temos um exemplo analogo bem recente, e que o

sr. P.º Lamella não pôde contestar.

A famosa lei de 13 de fevereiro deporta para regiões inhospitas onde o clima é, para nós, peor que uma peste, os modernos defensores e sequazes do anarchismo.

Pois não ha exemplo de estes homens apostatarem, ou trahirem a sua Ideia para fugirem á vida tormentosa e terrivel, que os espera nas possessões para onde são mandados como criminosos condemnados á grilheta.

Ha outro exemplo ainda mais conhecido: os antigos judeus preferiam morrer queimados, e soffrer outros mil martyrios do que abjurarem a sua fé. «A existencia vinte vezes secular da Igreja» tambem não é nenhum facto scientifico, nem acontecimento «divino» que me admire.

Com um exercito numerozo e bem disciplinado como é o clero, não ha acremetidas que a aniquilem, nem golpes, por mais certos que sejam, que a possam destruir. Tambem existencias semelhantes tem o Buddismo, religião professada em grande parte da Asia e fundada no sexto seculo antes da era christã; o Confucianismo, religião adoptada na China; o Mahometismo, que resistiu ás celebres crusadas christãs; e, finalmente, o Protestantismo ou Reforma, que, embora muito mais recente, tem luctado impavidamente com o Catholicismo, não cedendo aos impetos insistentes e cruéis de que foi alvo, por occasião da funesta guerra dos Trinta Annos.

Já em uma das minhas cartas disse que foram as religiões um dos factores principaes para a civilisação das gerações passadas. A corroborar as minhas palavras, allás sem nenhuma authoridade, ha o proceder dos pintores, oradores, estatuarios, dramaturgos e poetas modernos, que precisaram regressar ao passado para estabelecer a Renascença.

Falta-me referir aos «factos extraordinarios, anormaes contrarios a todas as leis conhecidas da natureza, etc.», a que o sr. padre Lamella allude.

Neste assumpto patenteio a minha ignorancia, que me parece muito legitima.

«Factos extraordinarios, anormaes», só podem merecer essas classificações os antigos milagres, que o progresso actual annullou. Esses, porém, não

merecem sequer uma contestação muito por alto. São tão «extraordinarios», tão «anormaes», que só um cerebro muito obtuso os pôde admitir.

E põhamos ponto na discussão, já demasiadamente debatida.

A minha profissão não me permite esbanjar, em questões superfluas, um tempo que pôdia servir-me para repouso do espirito e descanso dos meus trabalhos diarios.

Francisco Guimarães.

HONROSO PREITO

Longe da patria que muito venero e respeito, prostrado no leito da inercia pela invalidez do meu obscuro espirito, affastado nos ultimos tempos da vida activa em que se embrenha a briosa classe dos caixeiros portuguezes e do convívio sincero de antigos companheiros inesqueciveis, leaes e dedicados, da grande lucta—a emancipação da classe—saúdo jubilosamente a «Fraternidade» que hoje commemora um anno de existencia.

Bello na inspiração, crente na idéa, defensor acerrimo das legitimas regalias da classe que com devotado orgulho representa, apóstolo intemerato d'uma doutrina nova, inconfundivelmente sublime, quinzenario excellentemente redigido sob os auspícios das modernas theorias,—estes preceitos inegalaveis trouxeram á «Fraternidade» — um periodo de incontestaveis prosperidades, podendo ufanar-se de ter adquirido no campo em que labora um logar de saliente destaque, que muito a honra.

Em todos os tempos, nas phases mais agitadoras da vida humana, a tarefa da imprensa é sempre ardua e vacillante.

O seu fim é assombroso: quando bem encaminhada, ella educa principios, moralisa costumes e irradia as brilhantes conquistas, operadas lentamente atravez dos seculos; é a primeira alavanca da civilização dos povos na sua marcha assombrosamente accelerada.

A «Fraternidade», no limitado espaço que percorre, compartilha dos esplendurosos ensinamentos do inimitavel invento de Guttemberg.

E' arrojada a jornada que ella empreendeu, na primavera da vida. Quantos desalentos não terá experimentado durante a sua curta existencia? E quantas vezes o egoismo implacavel, que em tudo impera e avassala, a escuridão e as trevas que surgem a entorpecer a luz, não terão ensejo de offuscar o brilho das fulgurações crystallinas que a illuminam, no desempenho da sua missão civilisadora?

Arrastada pela marcha impetuosa do progresso, com o lenitivo da fé e com a crença inabalavel que a invade e acalenta, com o quente enthusiasmo que sente pelo alvorecer

de novo horisonte de conforto, concordancia entre os legionarios da causa, a «Fraternidade» vem proseguir ávante na campanha que encetou: vem desvendar a onda tenebrosa do antagonismo cruel que o passado transmittiu ás gerações vindouras; vem irmanar o osculo da Paz e o laço fraternal da União.

A Classe agradecida rejubila de alegria e sauda, na data de hoje, o vate formidavel da Causa dos Caixeiros. Essa manifestação é nobre, merecida e justissima.

E' um anno de vida immaculada, de persistencia constante, de obstaculos e desillusões, que se affasta, consumindo na defeza e engrandecimento d'uma legião enorme de honestos trabalhadores, que soffrem o peso tortorante do Capitalismo usurpador, prégando a Verdade, proclamando a Justiça, punjante de sonhadas irradiações.

Eu que commungo na mesma expansão de ideias, que admiro o seu acendrado patriotismo em favor dos opprimidos, esquecidos inconscientemente pelo governo do meu paiz em suas pretensas reivindicaciones, pela sua sã orientação, pelo seu passado glorioso, pela sua firmeza no presente e pela confiança que os seus principios doutrinarios me inspiram no futur, saúdo com intenso jubilo a «Fraternidade», pelo dia de hoje e abraço a sua illustrada redacção e presados colaboradores.

Belem, Pará, 15--10--05.

A.

Festividade

Realisou-se no dia 8 d'este mez, no templo do Hospital da Misericordia d'esta villa, a costumada festividade de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do reino.

Com o concurso da excellente orchestra dos srs. Carvalho & Cruz, de Vianna do Castello, a festa teve este anno um brilho extraordinario e sumptuoso. A execução magistral do programma que aquella orchestra fez ouvir, deixou no geral, agradaveis impressões e o desejo, aliás justificadissimo, de não ser a ultima vez que a afamada orchestra venha, com a sua presença, enriquecer o valor das festividades locais. A orchestra tem elementos valiosissimos e não é exagero confessar que a consideram a primeira do Minho.

O sermão, prégado pelo distincto orador sagrado sr. P.^o Rodrigo Fontinha, professor do lyceu da mesma cidade, foi como era de prevêr, uma oração substanciosa, valiosa na forma e rica geralmente na ideia que desenvolveu.

O templo, ornamentado com gosto e arte, completava o conjunto da festa esplendida a que assistimos, pelo que felicitamos a meza administrativa da Misericordia e o encarragado da ornamentação, sr. Bento José de Souza e Silva,

EM SETUBAL

A victoria dos caixeiros — O encerramento dominical — Um telegramma — O povo ao lado dos caixeiros — Manifestações

Em nosso numero da quinzena passada, publicamos a circular dirigida pela comissão delegada da Associação de Classe dos Empregados de Comercio de Setubal aos negociantes locais, pedindo a regularização do encerramento das lojas n'aquella terra.

Hoje, registamos, com o maior enthusiasmo, a adhesão do commercio local á justa pretensão dos nossos presados companheiros setubalenses, que tanto se hão destacado no movimento reivindicador da classe e no meio dos quaes se evidencia o illustre vulto Joaquim Brandão, cujo talento e amor pelas causas da classe todos conhecem.

Vae, pois, a nossa felicitação aos briosos collegas de Setubal e o nosso agradecimento sincero aos patrões da mesma cidade.

No dia 4 do corrente, recebemos do nosso presado correspondente em Setubal, o telegramma seguinte:

«Redacção Fraternidade — Barcellos

Conseguido o encerramento. Povo e autoridades locais nosso lado. Grande enthusiasmo entre a classe.

(a) Encarnação

Setubal, 10

(Do nosso correspondente)

E' assumpto palpitante da actualidade e quasi que obrigatorio em todas as conversas, a victoria alcançada pela Associação de Classe dos Empregados de Comercio, ou seja ter esta conseguido, não sem enormes trabalhos e sacrificios, a regularização do encerramento das lojas, que começou no dia 3 d'este mez.

A' hora convencionada, 3 da tarde, todos os estabelecimentos fecharam, á excepção de duas mercearias, que se conservavam ainda abertas.

Avisados todos os collegas d'este caso, dirigiram-se alguns para o estabelecimento do sr. Francisco José de Souza, a demovel-o do seu proposito de deixar de fechar a sua loja; porem tudo foi baldado.

Outros collegas, divididos em grupos, fiscalizavam a forma como que os negociantes cumpriam o seu compromisso. E á medida que o tempo decorria, o povo, que avisado de vespere por um manifesto que profusamente fôra distribuido, ia-se agglomerando em frente do estabelecimento, commentando o caso por varios modos.

Eram 6 horas da tarde. Em frente da loja do sr. Souza, estacionava enorme massa de povo. Em gritos fortes de protesto, censurava-se o proceder incorrecto do mesmo sr. Souza.

N'esta altura, e como se receiasse que a ordem se alterasse, foi resolvido que uma comissão de caixeiros procurasse a auctoridade local e

se lhe pedisse intervisse no assumpto, visto que a attitude do sr. Souza, poderia dar occasião a conflictos graves, pelo que se não responsabilisaria a nossa associação.

Chamado o sr. Souza perante a digna auctoridade administrativa, tentou a principio, escapar, com subterfugios, mas por fim foi obrigado a encerrar a sua mercearia, por ordem do sr. administrador do concelho, sr. dr. Carlos Pereira Coutinho.

Terminou, pois, com esta acertada resolução do digno administrador, a manifestação de protesto ao sr. Souza; e, então, o povo, como que empennado em ver satisfeitos os desejos dos caixeiros, dirigiu-se para a mercearia do sr. Travessas, a qual foi evadida, apagando o povo a luz e encerrando-lhe as portas.

O povo, n'uma furia atrevida e constante, quebrou varios objectos, que foram avaliados em alguns mil reis.

Em seguida, e como não constasse que mais algum dissidente estivesse atraigoando a nossa causa, o povo começou a desprezar e todos os caixeiros se dirigiram á sede da nossa Associação, onde, com louco enthusiasmo, se levantaram varios vivas.

Por proposta de um collega, foi resolvido a nomeação de uma comissão para, em nome da Associação, ir agradecer ao sr. dr. Carlos Pereira Coutinho, a sua valiosa coadjuvação á causa do encerramento.

S. Ex.^a recebeu a comissão amavelmente, promettendo auxiliar os caixeiros na sua causa, pedindo para que todos andassem com ordem, para que se não desse qualquer conflicto.

— Pelos commerciantes da rua de S. Sebastião, foi enviado á comissão de encerramento o seguinte officio.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

A fim de apreciar os factos occorridos no domingo ultimo, com a execução do encerramento dos estabelecimentos, reuniram hoje os proprietarios dos estabelecimentos sitos á rua de S. Sebastião, e que são os abaixo assignados, resolvendo communicar á comissão do encerramento a que tem a honra de se dirigir, as resoluções seguintes:

Encerrarão os seus estabelecimentos todos os domingos ás 3 horas da tarde, não reabrindo no mesmo dia; isto até 31 do corrente, data que os signatarios aguardam para o completo encerramento de todas as casas que vendem generos de mercearia seja qual fôr a sua classificação industrial, devendo incluir-se n'este numero as padarias que, sendo excluidas, prejudicam os estabelecimentos de alguns signatarios que vendem pão e bem assim as tabernas annexas ás mercearias, visto que as signatarias Freitas & C.^a e Victorino Moreira Rodrigues que tem os seus estabelecimentos n'estas condições esquecendo prejuizos, darão tal exemplo.

Se as vespereas de natal e anno bom coincidirem nos domingos não fecharão os signatarios n'esses dias, encerrando todavia nos dias santos indicados.

Se até 31 do corrente não se tornar em facto o completo encerramento de todos os estabelecimentos acima indicados, deixarão n'este caso então os signatarios de encerrarão os seus estabelecimentos atim de serem coherentes com os seus collegas que não fecham.

Deus Guarde a V. Ex.^a

Setubal, 4 de dezembro de 1905.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da comissão de Encerramento.

Os proprietários dos estabelecimentos da rua de S. Sebastião, Manoel d'Azevedo, Victorino Moreira Rodrigues, José Augusto Cardoso de Moura, José Francisco Pinto Junior, José da Rocha, Francisco José de Souza, Joaquim Monteiro de Freitas & C.^a e Souza & Cruz.

Como houvesse escasseado o tempo para pedir ao patronato, para que o encerramento fosse geral em toda a cidade no passado dia 3, a comissão do encerramento resolveu não angariar as assignaturas na parte que comprehende o bairro referido, fixando o dia 10, para que o encerramento fosse geral em toda a cidade.

Infelizmente tal não aconteceu, pois eram 6 horas da tarde estavam de porta aberta duas mercearias, uma do sr. Joaquim Netto de Carvalho, e outra de um tal sr. Sergio.

Felizmente estes cavalheiros não levaram avante o seu desideratum, pois o povo encarregou-se de lhe fechar as portas.

Em frente da mercearia do sr. Netto de Carvalho o povo fez grande arruaça, vindo-se a auctoridade impotente para o dominar.

Conseguido o encerramento da mercearia do sr. Netto de Carvalho, constou ao povo que uma mercearia sita na avenida, toda pertencente a um sr. Sergio, estava de porta aberta: o povo em massa correu para o local, pondo logo em pratica o processo usado para com o sr. Travassos, vindo-se a policia impotente para conter aquella grande massa de povo que em altos gritos protestava contra a caturrice dos ditos senhores.

Depois de encerrados os estabelecimentos dos srs. Netto de Carvalho e Sergio, o encerramento geral tornou-se um facto em toda a cidade.

E agora que o encerramento assim está tornado em facto, eu peço a todos os collegas setubalenses para que não abandonem a nossa associação, pois é a ella que nós devemos estas poucas horas de descanso agora alcançado.

Com isto termino fazendo votos para que o facto agora estabelecido (entre caixeiros e patrões) seja duradouro.

E um bravo, pois, ao illustrado povo setubalense, pela sua conducta perante a causa do encerramento.

E.

MAIS NOTICIAS DE FÓRA

Penafiel, 6

PELO DESCANSO

Estamos a breves dias do anno novo. D'aqui a pouco o anno de 1905, terá infallivelmente de passar á Historia, e a Classe dos Empregados no Commercio de Portugal terá tambem a inscrever nas paginas dos annos da sua historia contemporanea, mais um anno de lucta, de canceiras sem exito de maior.

Baldadas tem sido até hoje todas as tentativas empregadas a favor d'essa sacratissima causa, — o descanso dominical por lei do estado.

Tem-se gasto energias, tem

desapparecido vultos predominantes da nossa classe; uns desilludidos, quebraram, ou abandonaram as pennas; outros, ainda mais infelizes, guardam-os a lage fria e humida dos tumulos.

Mas nem assim essa classe, formada por muitos milhares de homens, ainda que na primavera da vida, deixou de comprehender perfeitamente o que de direito lhes pertence, e por isso mesmo, ao passo que vão desapparecendo uns, outros membros d'essa classe se vão filiando no grupo que constitue os seus paladinos; a prova consiste, pois a cada passo se está vendo novos combatentes exporem as suas ideias em artigos mais ou menos energeticos, cujos escriptos os jornaes da classe quasi orgulhosamente publicam.

Mas apesar de tudo isto, o governo faz ouvidos de mercador, pois até hoje ainda se não resolveu a promulgar essa lei que tão ardentemente desejamos, e que a maioria do povo recebia com enthusiasmo.

E, pois, preciso mudar de tactica, isto é, adoptar outra forma de reagir. Sim, torna-se forçoso, sem perda de tempo, que os principaes dirigentes da classe, se reünam e resolvam o meio mais efficaz de fazer frente ao governo, lembrando-lhe que a classe do caixeirato portuguez, não é uma classe a quem se vire as costas como resposta ao que ella reclama, pois que no fundo o que pedimos, é justiça e nada mais!...

A abertura das camaras electivas está á porta, por isso bom seria que a classe em geral se preparasse, desde já, para novamente recommençar a lucta que a 20 de agosto ultimo foi iniciada.

Não se descuide, pois, a classe, visto ter de sobejo a prova de que sem ruidosamente se manifestar, por todos os motivos, nada conseguirá. Os factos assim o tem demonstrado a evidencia, e é de crer que no futuro succeda o mesmo que tem succedido até hoje, se por ventura não soubermos aproveitar o tempo com utilidade.

O passado é uma lição que todo o caixeiro deve aproveitar, extrahindo-lhe o principal fundamento, o qual no nosso modo de ver, é um profundo poço de habilidades misturadas com manhas que os diversos governos largamente tem sabido explorar.

Alerta, pois, camaradas, irmãos do trabalho!

A hora vai dentro em pouco soar!...

D. Affonso

Setubal, 2.

Francisco Gemmas Perdigão

E hoje que completa o vigésimo anniversario natalicio este meu presadissimo amigo e collega, rapaz estimado entre a classe montemorãense, pelas suas excepcionaes quali-

dades de caracter, e que possui sentimentos nobres e altruistas. Tem sabido captar as sympathias de todos os collegas, pelo que acha em todos um amigo verdadeiro.

Eu, como seu amigo sincero e desinteressado, não podendo deixar no olvido tão jubiloso dia, venho por intermedio d'este brioso quinzenario, «A Fraternidade», saudal-o, desejando-lhe ao mesmo tempo um futuro brilhante e mil prosperidades, e que este dia se repita por muitos annos, são os mais ardentes desejos d'este seu amigo e collega.

José Luiz Cavaco

Recebemos o seguinte:

«... Collega:

Peço ao confrade a fineza de publicar no proximo numero do seu acreditadissimo e mui bem redigido jornal, o seguinte:

Venho tornar publico que, no recorte que se viu no ultimo numero do «Deus e Patria», semanario local e orgão do Circulo Catholico d'Operarios, tinha logar esta noticia:

«Ideal»

«Começou a publicar-se, n'esta villa, mais um pequeno semanario (falta á verdade: é mensal) com este titulo, que se diz independente em politica.

E' principalmente litterario, e publica-se sob a direcção do sr. Vieira de Castro, rapaz estudioso, de bastantes faculdades litterarias, de quem ha muito a esperar. (Agradeço penhorado as palavras affaveis com referencia á minha «illustre» pessoa).

Longa vida e prosperidades.»

Este recorte foi feito por assim o entender o reverendo padre Lamelia.

Qual foi o motivo?!...

13 | 12 | 905.

VIEIRA DE CASTRO.

Monroso preto

O artigo cujo titulo encima estas linhas, pertence ao nosso inesquecivel amigo e collega Antonio José d'Oliveira, actualmente residente no Pará, Brazil. Não chegou, como bem se terá comprehendido, a tempo de sair em o numero do nosso anniversario; e, porisso, lhe damos hoje publicidade.

A Antonio Oliveira, que hoje começa honrar o nosso modesto jornal com a sua collaboração, apresentamos o nosso agradecimento.

Revista Noticiosa

(DA CLASSE E EXTRA-CLASSE)

Annos

Fel-os no ultimo domingo, 10 do corrente, o illustre e acreditado negociante d'esta praça, sr. Aurelio Ramos, proprietario dos «Grandes Armazens de Fazendas», cuja abertura é no dia 21.

As nossas mais sinceras felicitações ao sr. Aurelio Ramos, amigo incomparavel dos caixeiros e presidente da direcção da nossa Associação.

Circular

O nosso estimado collega «A luz do Commercio», do Porto, transcreveu no n.º de domingo passado a nossa opinião sobre o Congresso Internacional de Londres e sobre a Junta Executiva da Federação, do norte.

Ao collega, o nosso agradecimento.

— A proposito do assumpto, informamos os leitores de que á União dos Empregados de Commercio do Porto foi já remettido o mandato d'este jornal, nomeando seu representante no Congresso referido o companheiro hespanhol Mario Antonio.

Associação dos Empregados no Commercio

Por falta de numero legal de socios, não se effectuou no domingo preferito a reunião da assembleia geral d'esta Associação, devendo, conforme o convite publicado em nosso numero passado, realizar-se no dia 17.

Fallecimento

Em Lisboa, falleceu no dia 3 d'este mez, a mãe da esposa do sr. Major Amorim Pessoa, sr.^a D. Maria do Sacramento Silva.

Aos doridos, a expressão do nosso sentimento.

EXPEDIENTE

Ainda hoje tivemos de deixar de publicar um grande numero de original já composto, entre elle um artigo de Antonio d'Oliveira, do Pará, sobre a Restauração de Portugal; artigo do collega Faria Couto, accôrdo dos negociantes de chapéus, do Porto; parte da «Revista Noticiosa», etc.

A falta d'espaco foi o unico motivo, e d'isto pedimos desculpa aos seus auctores.

GRANDES ARMAZENS DE FAZENDAS

—DE—

Por ser impossivel concluir-se a pintura **AURELIO RAMOS** d'este importante estabelecimento, a tempo de poder fazer-se a sua abertura no proximo domingo, 17, como noticiaram os nossos collegas locaes, resolve o seu proprietario abrir no proximo

dia 21, quinta-feira.

Por este motivo, publicaremos, em supplemento a este jornal, n'aquelle dia, as referencias que já tinhamos compostas, a proposito da abertura do importantissimo estabelecimento do sr. **AURELIO RAMOS**.

Correspondencias

Coimbra, 24

(Conclusão)

Pondo de parte o visado fim de aniquilamento que esse ascoroso artigo exprime e que ao traçar estas linhas conservo de aixo dos pés, não posso deixar de vos a radeecer a amabilidade da referencia á minha humilde pessoa:

São realmente gentilezas que só tarde poderei pagar á redacção.

Não p rderão, contudo, com a demora, antes d'isso porém, se n'essa triste ma são de jornalistas avariados é permittida por momentos guardada a um consciencioso raio intellectual, recebei a penitencia das vossas proprias mãos, guardae para vós a phrase final do vosso, talvez mal revisto artigo, civilisae, instrui e moralisae, para depois poderdes aconselhar alguém.

A nós, os inexperientes das lides jornalisticas, não!

As nossas consciencias limpas de remorso, nunca receberão conselhos nem imposições d'aquelles que nas lides tem largo cadastro na infamia e que tem degradado uma classe honrada aos olhos de toda a gente sensata.

Outra victoria.—No proximo domingo começam a não reabrir á noite os estabelecimentos de retrozeiro, ramo que caminhava na retaguarda das mercarias, fechando muitas vezes ás 4 horas da tarde e reabrindo ás 5.

Esta victoria mais, é devida a tres incansaveis e intelligentes rapazes, srs. José Braga, Antonio de Sousa e José Carvalho.

João de Souza.—Agradeço o abraço: escapei da doença e ia morrendo da cura com uma costella partida pelo maldito Guimarães.

Lembranças.

Associação Commercial.—Reunii no dia 22 d'este mez a Associação Commercial afim de resolver e responder a um officio que lhe foi dirigido pelo Atheneu Commercial sobre o encerramento.

Ficou resolvido que a mesma associação circularse ao commercio em geral, pedindo o encerramento dos estabelecimentos ao meio dia e não reabrir á noite, do dia primeiro de janeiro em diante.

E' um acto digno de todo o louvor que naturalmente o caixeirato coimbricense saberá agradecer.

Atheneu Commercial.—Está definitivamente resolvido que as festas projectadas por esta sympathica Associação, se realisem no proximo dia 8 de dezembro.

Julio

Villa Real Santo Antonio, 22.

(Particular)

Todos os commerciantes d'esta villa são de opinião, que se

fechem as portas das lojas aos domingos e dias santificados, excepto o sr. José dos Santos, mais conhecido pelo *Anjinho*, o qual tem querido transformar todos os trabalhos, vendendo-se, por isso, bastante indignados todos os caixeiros contra o procedimento d'este sr.

Mas, apesar d'este cavalheiro... não querer fechar as suas portas, todos os outros negociantes tem fechado, ligando por isso pouca importancia ao nosso anjo, que, se não fecha, é porque «alguém» que tem em casa a isso o obriga...

Diz elle, o «anjinho»: na minha casa governo eu! — Ninguem lhe póde tirar esse direito, mas... diga-me uma cousa, sr. José dos Santos: o sr. foi empregado no commercio? Não!

Os srs. José Joaquim Lapa e José Alves, ap zar de serem de opinião diversa dos demais commerciantes, ultimamente tem fechado as suas portas.

Aos srs. José Antonio Gomes, Cezar, Alonso, etc., etc. agradeço, em nome de todos os empregados no commercio d'esta villa a fórma digna e honrada como hão defendido a causa dos caixeiros.

Vivam, pois, todos os commerciantes honrados!

Vivam os empregados no commercio!

Viva a liberdade!

Acaba de sahir da casa Gomes & Capa, o nosso bom amigo e collega Antonio Abilio Carvalho, o qual nos deixa bastante penalizados; pois que além de elle ser um intelligente rapaz, tinha um coração bondoso, todo elle um amigo, um collega lealissimo e sincero.

Em substituição d'este amigo, encontra-se na mesma casa o collega José Caetano Felisardo.

Declaro que, qualquer artigo firmado pelo pseudonimo *Piripitipi*—publicado na «Fraternidade» ou outro qualquer jornal, é sob a responsabilidade de Fortunato da Costa Godinho.

Piripitipi

Povoa de Varzim, 25.

Balthazar Guimarães.—Partiu no penultimo domingo para o Porto o nosso querido amigo e distincto collega sr. Balthazar Guimarães, empregado da loja das Alminhas, da mesma cidade.

Foi curta a convivencia que tivemos com o nosso amigo, mas foi isso o bastante para podermos apreciar bem de perto os dotes de intelligencia e elevada educação de que é dotado Balthazar Guimarães, filho e antigo caixeiro de Penafiel, que aqui deixou as mais arreigadas sympathias.

Afim de se despedirem de tão sympathico amigo, estiveram na *gare* do caminho de ferro os nossos estimaveis collegas srs. Augusto Filipe de Carvalho, Avelino Rodrigues da Silva, Emerenciano Baptista Junior e o humilde correspondente da «Fraternidade».

A Balthazar Guimarães mais uma vez apresentamos as nossas despedidas e fazemos sinceros votos para que breve aqui de novo o possa-mos abraçar... como promettu.

Serviço de Correio.—Chamamos a attenção do sr. chefe da estação telegrapho postal d'esta villa, para a forma como é feita a distribuição d'este jornal. Diz-nos o nosso amigo sr. Alvaro Ribeiro Pontes que é rarissimo receber a «Fraternidade» e, segundo lemos, um dos numeros dirigido áquelle

nosso amigo foi entregue na redacção d'um semanario d'esta localidade.

Se a razão d'estas irregularidades é o ser pequeno o quadro de distribuidores dentro da villa, faça o sr. chefe da estação para que esse quadro seja augmentado, como é de justiça, pois que tal qual esse serviço está regulado não pode continuar, podendo d'ahi advir prejuizos não facil de calcular.

Esperamos não ter de voltar ao assumpto.

O encerramento.—Uma pergunta innocente aos directores da Associação dos Empregados do Commercio da Povoa de Varzim: Quando tratam de mandar fazer a escriptura que **todos** os commerciantes se promptificaram a assignar, na qual se compromettiam a encerrar o seu estabelecimento todos os domingos ás 3 horas da tarde? Não vêem que tal qual está esta questão, o encerramento póde deixar de ser um facto? Vá! Com mais um pouquinho de vontade muito podem fazer n'esse sentido e depois terão os justos applausos dos caixeiros povoenses.

A frente da Associação dos caixeiros povoenses, estão cavalheiros que muito têm feito em prol da nossa classe, a quem dirigimos este pedido na certeza de que não malhamos em ferro frio. Esperamos os acontecimentos.

Frasco Junior

"A. FRATERNIDADE"

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

BARCELLOS

Snr.

Sr. Candido Alvaro

Lancin

Beja



A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Director,
JOÃO DE SOUSA

Secretario da redacção,
FRANCISCO GUIMARÃES

Administrador,
JOSÉ CARVALHO

O caso que por certo — **HOJE, 21** — ha-de causar grande sensação em Barcellos, é a abertura dos **Grandes Armazens de Fazendas de Aurelio Ramos**, sem duvida alguma O MAIS IMPORTANTE ESTABELECIMENTO DO MINHO, o que se encontra mais bem montado e de maior sortido, que se destina a preencher uma vaga que muito se tem feito sentir n'esta villa; porque, até hoje, não tinhamos ali uma casa commercial que, por completo, satisfizesse as necessidades da terra.

Era preciso montar-se uma casa onde, n'uma necessidade, se encontrasse de tudo, principalmente um certo numero de artigos que constantemente se procuram e que fazem falta n'uma terra tão importante como esta, onde o luxo muito se destaca.

O sr. Aurelio Ramos, montou o seu novo estabelecimento em condições de poder satisfazer, por completo, aquellas necessidades, dando ainda aos compradores as vantagens que nenhuma outra casa da provincia daria: — a **BARATEZA!**

Hoje, asseveramos-o sem receio de contradictas, ninguém precisa de recorrer ao Porto ou a qualquer outra terra do paiz para encontrar novidades e comprar barato, porque o novo estabelecimento isempta, por completo, o publico de essas necessidades.

O sr. Aurelio Ramos merece que todas as pessoas lhe deem preferencia nas suas grandes ou pequenas compras, por que elle, por amor á terra e pelo interesse que toma no progredimento do ramo commercial a que se dedicou, não se tem poupado aos maiores sacrificios nem mesmo hesitou deante da arrojada empreza a que metteu hombros, fazendó construir uma casa unicamente destinada á montagem de um estabelecimento que — pelo seu sortido enorme e pelas condições hygienicas em que se encontra — é digno da visita de todas as pessoas.

Não pôde haver pessoa alguma que negue os seus louvores ao sr. Aurelio Ramos nem que, dentro do estabelecimento, deixe de admirar a disposição artistica das estantas, que obdeceu a um systema verdadeiramente novo, idealizado pelo proprietario, nem que possa quedar-se indifferente deante do sortido verdadeiramente importante com que tem montados os —

Grandes Armazens de Fazendas.

Nós não recommendamos ao publico a sua visita a esta importante casa commercial, sómente para ver o sortido das fazendas. Recommendamos-a muito mais ainda pelas **CONDIÇÕES VERDADEIRAMENTE VANTAJOSAS** em que todos podem comprar.

Os — **Grandes Armazens de Fazendas de Aurelio Ramos** são, como já dissemos e podemos affirmar, a casa mais importante do Minho: — são o estabelecimento onde todas as pessoas devem comprar, porque n'elles se vende tudo com extraordinaria modicidade de preços.

Estabeleceu o sr. Aurelio Ramos, na sua nova casa, os **Preços Fixos**; mas para o fazer de modo a nunca receber queixa de que qualquer freguez comprou em outra qualquer terra um artigo por menos cinco reis do que o preço que elle faz, teve de baixar consideravelmente ao custo de todas as fazendas: — e tão grandes foram esses abatimentos, que elle, hoje, não tem receio algum de que qualquer cliente compre em outra casa por menos do que na sua.

E, pois, n'esta casa, o **PREÇO EGUAL PARA TODOS**: — ha a egualdade, a seriedade e a verdadeira barateza.

Temos ainda um outro ponto a referir:

O Sr. Aurelio Ramos, ao fazer a marcação de todas as fazendas, indicando nas etiquetas o **preço fixo**, baixou **20, 30, 40, 50 e 60 p. c.** em grande numero dos artigos das secções — **Camisaria e Gravataria**. — **Novidades** — **Miudezas** — **Fazendas de lã** — e — **Fazendas brancas**.

Recommendamos, por isso, ao publico, com a verdadeira convicção de que compra tudo mais barato do que em outra casa e de que ninguém tem maior sortido nem tantas novidades, os — **Grandes Armazens de Fazendas de Aurelio Ramos**.

Não sirvam só as nossas palavras de incitamento: — vejam, apreciem e certifiquem-se do que temos asseverado, e verão que não são exaggeros as palavras d'este nosso escripto.

Ahi vae um extracto, muito resumido, das diversas secções dos **Grandes**

Armazens de Fazendas de Aurelio Ramos.

Camisaria e Gravataria

Camisaria — Grande e completo sortido de: Camisas de gomia; Peitos de bretanhas de linho e algodão; Camisollas — de malha de lã e algodão — para homens, senhoras e creanças. Enorme sortido de collarinhos de diversos feitios. — Abetuduras completas para camisas, etc. Extraordinario sortido de cothurnos e meias, em lã, escossia e algodão. E, finalmente, todos os artigos pertencentes a esta secção.

Gravataria — Enorme sortido de gravatas de todas as qualidades e feitios, tanto de seda como d'algodão, o que ha de mais chic.

Ha uma grande quantidade d'este artigo, para saldar, que se vende por preços muitissimo diminutos.

Novidades

Extraordinario e completo sortido de: Merinos e armures, pretos e de côr. Phantasias: lisas, com carapinha, borbotos, etc. Castellettes: lisas e lavradas, em *saldo*. Tecidos amazonsa — estylo setim — em côres e qualidades variadissimas.

Cortes para vestidos, chegados ha poucos dias, verdadeira novidade. Setins de seda. Surahs. Sedas foliar. Velludos e velludilhos, em côres sortidas.

Sortido completo de: Plissés; guarnições de seda, lã e algodão; vidrilhos; fitas e fitilhos de seda e setim; rendas de seda e de algodão. Marabóuts.

Botões de phantasia de perola, metal, etc.

Forros de todas as qualidades e côres.

Saias guarda-lamas, novidade, e outros muitos artigos, como: sedas lavradas, para colchas, espartilhos para senhora, ultimos modelos; luvas de pellica, pretas e brancas; ditas de fio d'escossia, de algodão e proprias para agazalho, em todas as côres, para senhoras, homens e creanças.

Miudezas

Figuras de biscuit, porcellana e borracha.

Solitarias, jarrinhas e boneors.

Livros de Missa. Frascos com essencias, nacionaes e estrangeiras. Sabonetes. Pós d'arroz. Escovas

para fatos, dentes, unhas e cabelo.

Passepartouts para retratos, verdadeira novidade. Bolsas para senhora. Charuteiras, cigarreiras e bolsas para tabaco. Carteiras para homens e senhoras. Pregos para chapéus. Travessas e ganchos de thartaruga, café de *A Brasileira*, o mais puro que se encontra, e, finalmente, muitissimos mais artigos pertencentes a esta secção e que dispensavel se torna ennumerar.

Fazendas de lã

Grande quantidade de fazendas de lã, nacionaes e estrangeiras, para fatos e sobre-tudos de homem, casacos e capas de senhora, etc. etc.

Casimiras, estylo inglez, de pura lã, desde 800 e 13000 reis o metro!

Casimiras pretas, lisas e lavradas. Flanellas pretas, para fato, desde 500 reis o metro!

Piqués e diagonaes finos. Montagnaks. Meltons para capas e casacos de senhora.

Muitas outras fazendas que é difficil relacionar, como picotilhos claros e escuros, castorinas, bactas, etc., etc.

Fazendas brancas

Esta secção é importantissima!!!

Pannos crús e branqueados, para uso domestico. Morins. Bretanhas de linho e d'algodão.

Flanellas brancas e de côr, em enorme sortido. Cotins. Riscados. Grande quantidade de bordados e guarnições brancas.

Colchas d'algodão. Cobertores estrangeiros, de lindissimos lavrados; nacionaes da Serra; e d'algodão, perfeita imitação dos estrangeiros.

Completo sortimento de chales de todas as qualidades e preços.

Lenços de seda, grande novidade. Cache-nez de todas as qualidades e de finos gostos. Chales de merino, com froques, para lavradeiras. Lenços e echarpes de malha.

Lenços de algodão em todos os tamanhos.

Chitas. Percaes. Zephiros para camisas, blouses, etc.

E para não estarmos a relacionar mais artigos, basta dizer-se que ha de tudo em grande quantidade, como sapatos e botas de borracha. Sapatos de tapete, feltro, ourello (1.ª qualidade), liga, etc., etc.

